

Brasil termina Olimpíada de Inverno sonhando cada vez mais alto

Time Brasil conseguiu seu melhor desempenho na história dos Jogos de Inverno

“Parece que entramos num grupo exclusivo. Antes, éramos só o pessoal dos pins raros, agora nós temos uma medalha de ouro depois de 102 anos de Olimpíadas de Inverno”, disse Emilio Strapasson, responsável do COB (Comitê Olímpico do Brasil) pela liderança esportiva e operacional nos Jogos de Milão e Cortina, encerrados neste domingo (22).

A fala, que faz referência ao colecionismo de broches que vira mania a cada edição, resume a mudança de nível do esporte brasileiro na neve e no gelo. O Brasil sai da Olimpíada com sua primeira medalha, inédita até então em toda a América Latina. “É um divisor de águas”, afirmou Strapasson em Milão, ao analisar a participação brasileira.

A estratégia de mapear e atrair atletas de fora do país que já fossem praticantes de modalidades de inverno deu resultados. O Brasil, que compete desde os Jogos de 1992, terminou em 19º no quadro de medalhas. Noruega, Estados Unidos e Holanda foram os três mais premiados.

Além do ouro do norueguês-brasileiro Lucas Pinheiro Braathen no esqui alpino, outros marcos foram batidos no norte da Itália. A maior delegação brasileira numa edição de inverno também teve o maior número de atletas entre os 20 melhores.

No skeleton, Nicole Silveira, que mora no Canadá, ficou em 11º lugar, o melhor resultado do país em esportes no gelo. No snowboard halfpipe, Pat Burgener, crescido na Suíça, e Augustinho Teixeira, outro que mora no Canadá, terminaram, respectivamente, em 14º e 19º. No bobsled, o trenó liderado por Edson Bindilatti ficou em 19º, o melhor resultado para o país.

Líder desse novo movimento, Lucas virou notícia mundial.



Lucas Pinheiro Braathen conquistou a primeira medalha do Brasil nos Jogos, e foi logo um ouro

Além de sua conquista na pista de Bormio, ele chama a atenção pela atitude, com passos de samba, declarações de amor ao pão de queijo, interesse por moda e produtos de beleza.

Rodeado por grandes patrocinadores, ele usa a própria história para falar sobre diversidade e multiplicidade.

“Precisei viver muitos anos até entender que essa diferença entre culturas me trouxe crescimento. Eu nunca iria ser o atleta que sou se não fosse por essa história meio complicada”, disse Lucas à reportagem antes da conquista da medalha de ouro.

O COB confirmou que ele já está comprometido com o Brasil para o próximo ciclo olímpico, com intenção de disputar em 2030, nos Alpes Franceses. Até lá, o comitê pretende continuar

de olho em brasileiros no exterior para reforçar o grupo.

Foi uma grande Olimpíada também para a Itália, que organizou as competições em sete cidades, descentralização que será repetida pela França. Depois da apreensão inicial por obras atrasadas, críticas de ambientalistas e protestos dos milaneses, os Jogos aconteceram sem problemas graves.

Em Milão, a arena Santa Giulia, que a poucos dias do início dos Jogos tinha setores em finalização, recebeu as principais partidas de hockey e agora será usada como mais um lugar de eventos e shows. Em Cortina, onde foi erguida uma pista para bobsled, skeleton e luge, ao custo de EUR 118 milhões (R\$ 723 milhões), os organizadores prometem que ela não será uma catedral no deserto e querem atrair atletas de

outros países para treinamento.

Mais nobres do ponto de vista da sustentabilidade são os outros endereços dos esportes de gelo em Milão. Pavilhões do principal centro de convenções da cidade, que já conta com boa infraestrutura de transporte, foram convertidos em pistas de patinação e hockey.

A cidade, que viveu os Jogos com entusiasmo moderado, talvez por já estar acostumada a grandes eventos internacionais, como as semanas de moda e de design, celebra como legado a acessibilidade com elevadores em 97% das 134 estações de metrô, um ponto essencial para as Paralimpíadas, entre 6 e 15 de março, e para muitos moradores.

A Itália se saiu bem também nos resultados, com sua melhor performance da história, ao ter-

minar em quarto lugar, com 30 medalhas, sendo 10 de ouro, superando a atuação de 1994.

Foram as atletas que garantiram as maiores emoções, como a esquiadora Federica Brignone, dois ouros após dez meses de uma grave lesão. Destaque ainda para as patinadoras Francesca Lollobrigida (dois ouros) e Arianna Fontana (um ouro e duas pratas), que se tornou a maior medalhista do país, com 14 pódios, contando os homens e as edições de verão.

Na primeira Olimpíada com uma mulher à frente do COI (Comitê Olímpico Internacional) --Kirsty Coventry, ex-nadadora do Zimbábue--, Milão-Cortina termina como a edição com melhor equilíbrio entre gêneros. As disputas tiveram 47% de atletas mulheres, 50% do quadro de organizadores feminino, e 51% dos 18 mil voluntários eram mulheres.

Além de imagens alucinantes e recordes quebrados, lágrimas e polêmicas também entram para história. A desclassificação do ucraniano Vladislav Heraskevich, impedido de competir no skeleton com seu capacete feito de imagens de atletas compatriotas que morreram na guerra contra a Rússia, colocou em debate as regras sobre manifestação política nos Jogos.

A polêmica em torno do conflito deve continuar nas Paralimpíadas. Após decisão que permitiu aos russos e belarussos competirem com suas bandeiras nacionais, diferentemente do que ocorreu nas últimas semanas, quando os atletas estavam sob bandeira neutra, os ucranianos prometem boicotar a cerimônia de abertura, em 6 de março, em Verona.

Por Michele Oliveira (Folhapress)

Pedro Raul não consegue sequência no Corinthians

Rodrigo Coca/ Agência Corinthians

Pedro Raul ainda não teve as oportunidades que esperava desde que retornou ao Corinthians. Internamente, porém, a comissão técnica também não está satisfeita com o desempenho do atacante no ano.

O atacante voltou ao Timão no início da temporada disposto a reconquistar espaço com a camisa alvinegra. Mesmo diante do interesse de clubes do Brasil e do exterior, pesou na decisão do jogador o desejo de permanecer no Corinthians e dar a volta por cima. O cenário, no entanto, lembra o do começo

do ano passado. Na ocasião, Pedro Raul também recusou propostas para seguir no Timão, mas acabou sem espaço com a comissão técnica então comandada por Ramón e Emiliano Díaz, sendo posteriormente emprestado ao Ceará. A reportagem apurou que a postura dos ex-treinadores deixou o atacante bastante chateado. O atleta até hoje guarda certo ressentimento.

“Não queriam que eu ficasse, a verdade é essa. Agora eu quis ficar, tive algumas situações para sair, mas sempre quis ficar. A comissão

técnica tem me ajudado, me dado confiança para trabalhar. E quando tiver oportunidades, preciso estar pronto para representar essa camisa da melhor maneira possível. Sempre falei que é um sonho estar aqui, vivendo esse clube e esse grupo”, disse.

Apesar de ter uma relação melhor com a comissão atual, Pedro Raul vive um contexto semelhante ao do ano passado. O atacante tem recebido menos minutos que Gui Negão e Vitinho.

Por Fábio Lázaro (Folhapress)



Pedro Raul não está satisfeito com falta de chances no clube